

## **CLONES**

**FABIAN BALBINOT**

*"Somos todos clones  
Todos são um e um são todos."*

Alice Cooper

Ruídos em um local de pouca iluminação.

Tiras de couro sendo puxadas; presilhas e fivelas de metal mordendo o couro, agarrando-o para não soltarem mais.

Dispositivos sendo acionados. Zíperes sendo puxados juntos. Botões de pressão estalando em um só clique ao serem apertados quase todos de uma vez.

Cordões são amarrados de modo idêntico por muitas mãos revestidas por luvas também idênticas, escuras, marcadas com linhas claras.

Elmos negros cobrem juntos um contingente inteiro de cabeças. Visores também negros são baixados, cobrindo trinta rostos de um só golpe.

Faz-se o silêncio.

Teclas de látex são pressionadas por dedos ágeis em uma seqüência complexa. Diferentes tipos de *beeps* soaram, à medida em que os botões eram pressionados.

Uma das lâmpadas fluorescentes do teto estava piscando.

O lugar estava abafado. Respirações compassadas podiam ser ouvidas, trinta fôlegos em um.

A série de tons digitais indicando a confirmação do código digitado se fez ouvir.

Textos rabiscaram em um verde fulgente a tela de cristal líquido.

*Código confirmado.*

*Acesso garantido.*

Portas fortemente vedadas abriram-se, empurradas para fora de encaixes e moldes perfeitos por golpes de ar comprimido que produziam sibilos estridentes.

Corpos se ergueram. Pernas fortes marcharam, e uma fila indiana de trinta silhuetas esguias se formou. Todos os vultos usavam uniformes de couro preto com finas linhas brancas, rigorosamente iguais tanto em combinação de cores quanto nas medidas.

Enfileirados, os trinta corpos lembravam bonecos recém saídos de uma linha de montagem. Bonecos de plástico, injetados. Mesma altura, mesmo formato, mesmo peso...

*Meia volta volver!*

*Ordinário, marche!*

Um a um, os integrantes do pelotão marcharam. Pernas fortes revestidas por botas cobertas de couro e metal pisaram o chão, ao mesmo tempo, em um mesmo ritmo. Direita e esquerda. Direita e esquerda.

A milícia aproximou-se do único de seus integrantes que se encontrava em posição diferente dos demais. Próximo da porta hermética que havia sido aberta, o trigésimo primeiro membro do pelotão usou de movimentos rápidos e repetidos para distribuir duas potentes armas de fogo, uma grande e outra pequena, e mais uma faca dotada de um ameaçador aspecto militar, aos demais, à medida que estes estacionavam, um após o outro, à sua frente, e a marcha era suspensa.

As armas estavam envolvidas por coldres feitos de um tipo de material plástico maleável, os quais iam sendo metodicamente aderidos por *velcros* estridentes a pontos estratégicos nos uniformes blindados de cada soldado. E cada soldado aderiu os coldres de suas armas de igual maneira.

Ao terem recebido suas armas, um depois do outro, eles reiniciavam a marcha: o primeiro passo com o pé direito, a arma grande sendo pendurada à direita, logo abaixo da cintura; o segundo passo com o pé esquerdo, a arma pequena era grudada no quadril oposto; o terceiro passo, a perna direita sendo elevada mais alto do que o normal de modo a permitir que o coldre da faca fosse afixado na bota.

Todos os três movimentos dos trinta soldados foram idênticos quando estes receberam e posicionaram suas armas, e todos os três movimentos do trigésimo primeiro soldado também se repetiram, trinta vezes, sem falhas nem desvios, a cada conjunto de armas que este entregava aos companheiros.

A precisão das ações era surpreendente. Não havia nenhum equívoco, nenhum titubeio.

Era assim que devia ser.

Marchando, sempre em frente, os soldados chegaram ao final da sala comprida onde estavam. Atravessaram uma porta, onde um após o outro, viraram à esquerda e seguiram por um corredor de cerca de trinta metros. Outra dobra para à esquerda ao final deste revelou escadas, que a fileira de soldados desceu sem pestanejar, como uma centopéia humana, todos os pés pisando praticamente os mesmos pontos do chão.

Adentraram um amplo salão, e só então houve uma mudança na atitude do grupo. De súbito, a formação se desfez. Como formigas, os soldados sabiam de forma quase instintiva o que deviam fazer, e cada qual caminhou, ou correu para um ponto distinto, e houve até mesmo alguns deles que permaneceram parados, em posição de sentido.

Palavras-chave e coordenadas alfanuméricas reverberavam pelos alto-falantes dos comunicadores instalados dentro de seus capacetes. Ordens, em um linguajar muito técnico e específico.

Ordens que eram seguidas sem hesitação pelos super soldados.

Veículos negros, carros, motocicletas e furgões, abandonavam espaçosos estacionamentos, e a fúria de vários motores rugiu pelas estradas, alguns indo em direção ao centro da cidade, outros dirigindo-se para os subúrbios.

Ordens em mente, o destacamento de policiais seguia implacável para cumpri-las.

Enquanto isso, outros vinte e oito soldados portando uniformes idênticos e apresentando idênticas fisionomias retornavam de suas missões. Aos poucos, eles foram se apresentando, e formando a tradicional fila indiana, que marchou escada acima rumo aos quartos de banho e dormitórios. Muitos dos uniformes estavam sujos, ou rasgados, e uns dois ou três buracos de bala podiam ser vistos de longe. Um dos

policiais tinha seu capacete com o visor partido ao meio, mas ainda firme, afixado pelas presilhas laterais.

Era a troca de turnos.

Missões especiais, que não poderiam ser interrompidas, tinham sido atribuídas aos dois membros ausentes daquele pelotão de trinta.

Eles se apresentariam depois, quando do término de suas obrigações, quer isso acontecesse no dia seguinte, ou na semana seguinte.

Todos estes soldados eram especiais, e cumpririam suas missões mesmo que a ordem de retorno e a confirmação de "missão cumprida" levasse um ano inteiro para acontecer.

Ficariam sem comer, e sem respirar, se preciso fosse...

... mas cumpririam suas missões.

\*\*\*

Um daqueles dois soldados que compunham aquele pelotão de trinta pilotava uma potente moto negra pelas ruas forçosamente limpas do centro da cidade.

Era dia. E o soldado passara a noite em claro.

Desde o dia anterior, quando seu turno se iniciara, que o soldado não dormia.

Nenhum outro veículo na rua. Tudo estava completamente deserto.

Era o primeiro dia do ano.

O sol brilhava infernalmente, tostando o asfalto, e anunciando um ano novo infernal.

Um pacote plástico passou voando no trajeto da motocicleta.

- Sujeira na avenida principal do setor quinze B - disse o piloto com uma voz um tanto fina, indistinta e abafada, acionando automaticamente o comunicador que estava instalado em seu capacete.

- *Já captamos. Localização e quantidade, por favor, número vinte e nove* - uma voz de mulher invadiu seu ouvido, eletrônica e abafada, vinda de um minialtofalante, também parte do equipamento de comunicação montado dentro de seu capacete.

Uma imagem esverdeada apareceu no visor negro, que cobria todo o rosto do soldado. Um mapa retangular, e ao lado deste a palavra "autodetecção", seguida de símbolos que mudavam conforme o tempo passava e cálculos eram feitos. Logo, surgiram outros mapas, uns quadrados e outros redondos, e fotos, e imagens em movimento, uns aparecendo e outros desaparecendo, e alguns surgindo acima dos outros, compondo um mosaico de gráficos, caracteres e imagens cintilantes. A última imagem que surgiu no visor foi a do próprio soldado, em sua grande motocicleta negra.

*Autodetecção concluída.*

Depois de alguns segundos, as imagens foram substituídas por um "Ok", que piscou algumas vezes e desapareceu, mas não antes que a voz em seu fone de ouvido desse retorno.

- *Dados confirmados, número vinte e nove. Retorne ao modo silencioso e não esqueça de vestir as blindagens especiais de seu uniforme. Esta missão passa a ser código MMP-042958.*

- Ok.

Em breve, um destacamento passaria a patrulhar regularmente aquela área e arredores, em busca de arruaceiros e quaisquer descuidados que tivessem deixado lixo voando solto pelas ruas, quer estes surgissem de novo ou não.

As penas impostas para os crimes relativos à poluição ambiental eram sempre muito rígidas, quer fosse na cidade, quer fosse nos subúrbios.

Parte de um novo texto em verde apareceu no visor do policial. Era intitulado "Código MMP-042958", e apresentava uma relação completa dos dispositivos legais que tal código estabelecia em relação ao policial e aos envolvidos - regalias e deveres, legislação nua e crua - além de detalhes sobre a missão em si. Nomes, lugares e procedimentos.

- Desativar textos não prioritários - disse o soldado, que já conhecia tanto a burocracia legal quanto os nomes de suspeitos e locais, e o texto em seu visor imediatamente sumiu, obedecendo ao comando. - Estabelecer prioridade para texto e imagem no visor: código M-M-P-0-4-2-9-5-8. Prioridade para telecomunicações: menos um.

Mensagens de confirmação automáticas espocaram em alguns pontos do visor, que a seguir escureceu de vez.

A moto desacelerou até parar em um ponto da tal avenida principal, que se estendia de um lado ao outro, a perder de vista, cercada por prédios cinzentos, cobertos de janelas de vidro tão negro quanto o visor acrílico de seu capacete. Alguns dos prédios davam a impressão de terem sido feitos inteiramente de vidro.

Era uma rua elevada, como um tipo de ponte. Mais de cinco metros a separavam do passadiço dos pedestres, e do nível onde eram construídos os prédios, que ficava logo abaixo. Moderna e complexa, a rua oferecia diversos tipos de ameias com escadas, rampas e elevadores de acesso aos pisos inferiores, tanto para pedestres quanto para veículos de pequeno e médio porte, além de fortes proteções laterais e alguns estacionamentos ao longo de seu perímetro.

O código MMP-042958 concedia uma série de prerrogativas e direitos extraordinários a um policial, e entre eles incluía-se a possibilidade de estacionar seu veículo em qualquer ponto do trajeto.

Na verdade, podia ser dito que o código MMP-042958 deixava o policial livre para fazer o que bem entendesse...

O piloto desceu, e abaixou-se. Abriu um dos diversos compartimentos que se encontrava ao lado do pneu traseiro da motocicleta, a qual era um verdadeiro monstro,

feito de dois grossos pneus, equipamentos e visores eletrônicos, muitas cilindradas e dezenas de compartimentos especiais.

Pedaços de uniforme negro surgiram de dentro do estojo. *Velcros*, encaixes e presilhas, era o que havia de sobra em tais peças, que foram sendo anexadas aqui e ali no colete e no capacete, nas botas e até mesmo nas luvas do policial.

Em alguns segundos, as mãos ágeis deste tinham concluído o serviço. O compartimento então foi fechado, e ele subiu novamente no grandioso cavalo mecânico, que acelerou seu motor, e partiu.

Estava pronto para iniciar a execução de sua missão.

No dia anterior, sob a influência de um código de missão diferente, mais brando, o policial havia localizado e seguido uma pessoa suspeita. Obtivera muitas informações, que tinham sido enviadas aos departamentos de inteligência centrais da polícia. Informações que provavelmente tinham sido repassadas a outros departamentos, ainda mais influentes.

Informações que tinham retornado transformadas em uma mudança de um código de missão investigativa, de média importância, para um código prioritário, de busca, apreensão e seqüestro.

*"... o indivíduo em questão deve ser capturado e trazido a este departamento, preferencialmente mas não obrigatoriamente VIVO. Em casos extremos, considerar o uso da força e de armamento letal."*

Eram comuns os casos em que um julgamento antecedia uma busca, que era sucedida por outro julgamento, este último com diversificados direitos de defesa sendo concedidos ao acusado. Porém, era raro que um único julgamento anterior à uma busca decidisse o destino de um réu, sem direito a qualquer apelação em outra instância.

E o policial conhecia cada um dos códigos em que tal procedimento poderia ocorrer.

E sabia também que o código MMP-042958 era um dos casos mais raros, senão o mais raro de todos, em que a pena de morte poderia ser imediatamente aplicada.

Era um caso único. E a julgar pela eficiência dos sistemas policial, penal e carcerário destes dias em que poucos dos atos que viessem a ser considerados crimes deixavam de ser julgados e punidos, seria sem sombra de dúvida *o único* caso.

Pois apenas uma única pessoa se enquadrava no perfil instituído pelo lendário código MMP-042958.

Um único criminoso. O indivíduo a quem o código chamava pelo codinome de *Raiz*.

E a eliminação deste apagaria para sempre o código MMP-042958 da extensa e completa lista de contravenções existente no banco de dados da polícia daquele país, pois não existia ninguém mais que se enquadrasse em tal código...

... e jamais existiria.

\*\*\*\*

Em um dado momento, a possante motocicleta diminuiu a marcha e entrou em um desvio, descendo por uma das espirais laterais que davam acesso às ruas inferiores. Girou pela ruela estreita e curva que circundava o enorme pilar de concreto que servia de ponto de apoio à larga avenida elevada, todo forrado este de pequenas lajotas vermelho-escuras, que lembravam vidro. Naquela altura do trajeto, existiam duas espirais ao redor do grande tronco de sustentação, uma para subir e outra para descer, e muitos recortes e desvios tanto na avenida elevada quanto na rua inferior, transversal à esta, que davam amplo acesso a tais espirais.

Após ter dado um giro e meio pela trilha circular, a moto policial penetrou pela rua inferior.

O patrulheiro encontrava-se agora em um bairro residencial.

Os dados relatados junto ao código MMP-042958 não poderiam ser mais específicos, e o soldado ziguezagueou pelas ruas, onde alguns civis perambulavam cá e lá, buscando um único endereço - o endereço que correspondia ao domicílio onde se encontrava a *Raiz*.

A noite anterior fora festiva, como sempre acontece em finais de ano. As pessoas tinham se reunido no topo dos edifícios para lançar os fogos antipoluentes, rir e se divertir, bebendo champanhe, cerveja e vinho. Muitos tinham se excedido no consumo de álcool e quebrado algumas das regras impostas pelo toque de recolher, menos severo em uma ocasião festiva como aquela... Boa parte destes agora dormiam em um posto policial qualquer, capturados no ato flagrante, esperando seus julgamentos e sentenças.

Era normal. Sempre acontecia. Transgressões em ocasiões festivas. O consumo exagerado de bebidas alcoólicas, e de certas drogas, liberadas apenas durante tais dias por umas poucas leis antiquadas e deficientes, impelia as pessoas ao abuso.

Era por isso que os turnos tinham sido duplicados, e os policiais tinham perdido um de seus dias de descanso.

Era para isso que serviam os policiais.

Algumas dezenas de julgamentos rápidos por departamento, à medida em que os transgressores fossem despertando de sua sonolência induzida, e a maior parte destes seria liberada. A seguir, iniciar-se-iam os procedimentos de detenção e julgamento decorrentes de crimes maiores. Assassinatos premeditados ou acidentais, furtos, seqüestros, suborno, chantagem, abuso sexual... Avaliações físicas e mentais seriam feitas nos suspeitos, juntamente com apanhados imediatos sobre seus antecedentes. Hábitos, costumes, vícios, vidas inteiras seriam examinadas. Provas seriam reunidas e testemunhas arroladas. Estabelecido o inquérito, o réu iria

imediatamente a julgamento, e, antes do final do dia, sua pena inicial seria definida, a qual poderia vir a ser revogada no decorrer dos próximos dias, a depender de outros fatores que pudessem ser somados ao conjunto de evidências, ou deste removidos.

E o ano novo começaria, como começam todos os novos anos. Como normalmente acontecia em quase todos os feriados.

Milhares de detenções, milhões até, pelo país inteiro.

Haveria protestos contra o Sistema Penal, contra o toque de recolher, contra os políticos... contra a *natureza* dos policiais.

"Os *policiais* não são *humanos!*", bradariam os mais exaltados.

E no fim das contas, todos os contraventores continuariam sendo presos, e a vida continuaria.

Nada mais justo, em se tratando de um Sistema Penal tão eficiente.

O policial passou a percorrer uma rua menor, onde se viam muitas árvores pelas calçadas, e casas pequenas. Mulheres com carrinhos de bebê, velhos de bengalas andando devagar pelas ruas. Pessoas que olhavam desconfiadas para o policial e sua motocicleta tão barulhenta.

Alguns olhavam com nojo, ou ódio.

Era um lugar tranqüilo.

Havia muitos lugares tranqüilos. A política de restrições estabelecida pelo moderno Sistema Penal tinha sido muito eficiente em criar e manter um clima de tranqüilidade nacional. Abusos tinham sido coibidos em todas as áreas. Organizações foram desfeitas. Estilos musicais foram proibidos. Religiões deixaram de existir. Altofalantes foram removidos de carros. Fogos de artifício deixaram de ser fabricados. Motores tiveram potência reduzida. Munições e armas pararam de ser revendidas. Aparelhos de som foram apreendidos. Crianças passaram a ser presas. Festas foram proibidas. Fábricas fecharam. Outras abriram. Feriados não mais aconteceram. Outros foram criados para substituí-los.

Mudanças, mudanças e mais mudanças.

Não havia barulho. Não havia sujeira. Não havia tumulto. Não havia malucos a solta nas ruas.

Não havia crime. E este era o resultado das mudanças.

E a maior de todas as mudanças eram os *policiais* em si.

"Os *policiais* não são *humanos!*"

Os dados relatados pelo código MMP-042958 não poderiam ser mais específicos.

Esta era a rua.

Ali se encontrava o esconderijo. A *Raiz* poderia ser encontrada em uma daquelas residências.

O policial diminuiu a marcha da motocicleta, e passou a observar as casas de um dos lados da rua com mais atenção.

A numeração era antiga, e tornava-se difícil a orientação.

Árvores e velhos cercados bloqueavam a vista, e alguns números não podiam ser encontrados.

- Obter listagem de endereços a partir da minha localização atual - disse o piloto da moto, com sua voz fina, abafada.

Um outro mapa surgiu ocupando quase todo o escuro visor do capacete, sendo envolvido por mais uma seqüência de outros tantos quadros, fotos, imagens e letras dançantes. No centro do mapa esverdeado, um ponto cintilante indicava a posição de sua moto, obtida por intermédio de satélites. Números e letras apareceram. Uma animação rapidamente substituiu o mapa por uma listagem de todos os endereços dos arredores.

- Comparar com a antiga numeração das casas.

Algumas das mudanças que tinham sido desenvolvidas pelo novo Sistema Penal estabeleciam novos modelos de endereçamento para prédios e residências, e não era estranho que ainda houvesse casas nos bairros mais antigos das cidades em que a numeração antiga ainda não tivesse sido completamente substituída. Existia toda uma série de entraves físicos e burocráticos impedindo a troca imediata de nomes de ruas e números de casas, muitos propostos pelos sistemas de correios e de transportadoras de carga, e pelas instituições que gerenciavam o patrimônio histórico, e alguns até por políticos, que sempre estavam de olho nos votos de todo mundo.

Para o policial, nada disso importava.

- Ampliar raio de ação, e procurar o endereço indicado no código MMP-042958.

Cumprir sua missão era o seu único objetivo.

Novos mapas surgiram em diversos cantos de seu visor, e todos eles acabaram unindo-se em um só, onde duas marcas cintilantes indicavam tanto a moto quanto a casa desejada, situada cinco quadras adiante.

- Desativar visor. Elevar prioridade para telecomunicações em um.

A moto seguiu em frente, em velocidade constante.

A rua era aquela. O endereço era o indicado.

Em breve, daria-se o esperado encontro com a *Raiz*.

Era o momento do Policial concentrar-se. Estabelecer suas próximas linhas de ação.

Armas carregadas. Sessenta e cinco tiros paralisantes na maior, e dez na menor, e a faca para quaisquer outras ocasiões especiais em que uma luta corpo-a-corpo fosse inevitável. Havia ainda a munição especial - pentes com balas mortais e explosivas - guardada em separado. E não se podia esquecer de sua habilidade em artes marciais...

A *Raiz* não era um criminoso comum, e jamais poderia ser tratado como tal.

As quadras foram se passando.

Crianças olhavam de longe, risonhas e gritalhonas, como só crianças devem ser.

Casas antigas foram se indo a medida em que a moto avançava.

Portas e janelas foram fechadas.

As pessoas comuns ainda temiam os policiais. Isso certamente se devia ao fato de que pessoas comuns, anômalas, adoram cometer pequenos delitos. E adoram protestar, e adoram exceções.

E os policiais, os novos policiais... eles adoravam capturar criminosos. E eram eficazes no que faziam.

Para isso tinham nascido.

*"Os policiais não são humanos!"*

Uma...

Duas...

Três...

Quatro...

Era *ali*. A quarta casa do quarteirão por onde a motocicleta estava passando.

O soldado foi diminuindo a marcha, até que a moto parou.

Com uma marcha à ré, o possante veículo foi estacionado. Seu pneu traseiro ficou apoiado na orla do passeio.

O motor deu mais dois roncos e afinal parou de funcionar.

Descendo da moto, o policial permaneceu parado alguns instantes, admirando aquela residência.

Construída provavelmente na metade do século anterior, a casa não apresentava detalhes que tivessem qualquer relevância em se considerando o requinte arquitetônico. Quatro paredes principais e um telhado piramidal, com quatro lados, era praticamente o que se via. Tão simples quanto dois e dois são quatro.

Uma cerca baixa de velhos tijolos separava o terreno do passadiço, e uma trilha destes mesmos tijolos levava até uma espécie de sacada, coberta de azulejos de um grená pálido e ressecado, disposta um degrau acima daquele caminho. Um recorte à direita de uma das quatro paredes principais projetava esta e metade da pequena sacada alguns metros para dentro da casa, criando uma área coberta simples, onde a porta da frente se escondia, guardada por um par de suportes metálicos onde jaziam vasos com samambaias muito parecidas. Uma lâmpada incandescente pendia do teto indistinto da pequena entrada, segura por um receptáculo ordinário e cabo pretos, e mais nada.

Rachaduras percorriam paredes tingidas em diversos tons de bege, refletindo extremo descuido com a pintura e a conservação do imóvel. Trepadeiras lançavam-se às paredes, esforçando-se para mantê-las de pé por mais algumas décadas, enquanto cascas de tinta seca se desprendiam, revelando ainda mais tijolos velhos, parcialmente cobertos com argamassa cinzenta e musgo.

O telhado, que em outros tempos devia ter sido vermelho-claro, tornara-se escuro e manchado. Fungos e líquens iam brotando em cima e em baixo das velhas telhas de cerâmica, cheias de dobras e encaixes, e ainda perfeitamente afixadas umas junto às outras.

Uma velha chaminé surgia, trespassando a couraça de telhas, e levando algumas destas consigo, empurrando-as para o alto de modo a constituir um telhado próprio e exclusivo, também em forma de pirâmide. Em virtude das novas regras e imposições ambientais, que eram parte do Sistema Penal e limitavam em muito a quantidade de monóxido de carbono que poderia vir a ser expelido anualmente por cada residência, a tal chaminé parecia estar em desuso há um longo intervalo de tempo, e ninhos de pássaros podiam ser vistos no lugar de fumaça em suas aberturas.

Os cada vez mais raros dias de frio durante o ano e a escassez crescente de madeira tinham transformado as velhas chaminés em meros detalhes arquitetônicos sem utilidade, típicos das casas mais antigas.

Uma pequena janela se destacava, cravada na parede contígua à abertura que dava na porta da frente, com venezianas fechadas, pintadas com uma mistura de tons escuros indo da cor de vinho ao marrom.

Plantas, flores, arbustos, pequenas árvores e até mesmo capim crescia por todos os cantos entre a cerca de tijolos e a casa, e também em redor desta. Vasos feitos de cerâmica ou de troncos de velhas árvores e mesmo recortados em pneus eram comuns, lotados com plantas de tantos tipos quantos se possa imaginar. Orquídeas, roseiras, jasmims, margaridas, cravos, amores-perfeitos, apenas para nomear algumas das plantas a partir de suas flores.

Sem tempo para apreciar tamanha variedade vegetal, o policial atravessou a calçada toda feita de pedras sedimentares fatiadas, passou pela cerca de velhos tijolos, e galgou o caminho de pedras de formato arredondado, invadido pela grama, que levava até a entrada principal da casa.

Subiu o degrau único e examinou a porta. Não havia botão de campainha, o qual também não se fez necessário...

- Entre, policial.

... pois a porta já se encontrava aberta.

- Estava esperando a sua visita. Aceita um chá?

\*\*\*\*\*

Sentada em uma poltrona, a anfitriã da casa conversava.

- Aposto que faz bastante tempo que você não fala, e não ouve tanto, não é mesmo - dizia. Tratava-se de uma bela mulher, aparentando ter trinta e poucos anos...

Sentado à sua frente, em outra poltrona, o policial apenas aquiesceu com um aceno de cabeça.

Já fazia algum tempo que aquelas duas pessoas conversavam, ou que uma delas tentava fazer a outra conversar.

- Bem se vê que os policiais de hoje em dia são de poucas palavras. Isso se deve a algum tipo de treinamento, suponho... - disse a mulher.

O policial, mão esquerda sobre a arma pequena, não fez menção de confirmar ou negar a suposição da mulher. Com o rosto coberto pelo visor do capacete, procurava examinar os movimentos da mulher que segurava uma xícara de chá fumegante acompanhada de um pires, sentada bem à sua frente.

*A Raiz.*

Era uma bela mulher, sem dúvida. Cabelos castanhos avermelhados, escuros, escorridos pela cabeça, em um corte curto, feito de mechas pontudas e desgrenhadas. Brincos metálicos, cravejados de pequenas pedras irregulares, que também poderiam ser madeira, pendiam de suas orelhas e, compridos, quase batiam nos ombros. Um vestido simples, alaranjado, quase transparente, lhe servia como única indumentária. Um par de chinelos de pano bordados ou tricotados lhe ornamentavam os pés.

Mas, o que o policial observava mais atentamente era aquele rosto. A fisionomia estranhamente familiar de sua interlocutora - uma criminosa enquadrada em um código único do Sistema Penal.

Uma criminosa perigosa.

- Nos velhos tempos, os rigores não eram tantos. Havia mais liberdade tanto para policiais quanto para os civis. E eu tenho certeza de que os policiais falavam bem mais do que hoje em dia...

A mulher riu. Sua voz também era estranhamente familiar... Uma voz um tanto fina, mas não tanto quanto devia ser uma voz de mulher.

A mão do policial agarrou com mais firmeza a arma pequena, pronto para o saque. A ambidestria, tanto com armas de fogo quanto com armas brancas, era uma de suas mais notáveis habilidades, juntamente com a pontaria precisa e a incrível rapidez de seus reflexos.

A mulher sorveu de um gole o chá fumegante.

- A cortesia manda que eu lhe ofereça chá outra vez, mas creio que você não irá querer, não estou certa?

Uma mesinha de madeira, retangular, lembrando um caixote oco e envernizado, com uma placa de vidro sustentada em seu centro, separava os dois interlocutores daquele monólogo.

Sobre o vidro da mesa, um grande bule semelhante à xícara e ao pires, cheio de chá, e expelindo muito vapor. E uma outra xícara, um outro pires, intocados.

Os procedimentos de ação da polícia eram claros e específicos, e evitar a ingestão de um líquido qualquer oferecido por um provável criminoso já fazia parte desta conduta muito antes dos novos policiais terem assumido a manutenção da segurança do país.

- Dizem que um bom chá pode fazer milagres com a saúde das pessoas... - falou a mulher, enchendo outra vez a pequena xícara com a infusão levemente amarga. Era a terceira vez que enchia a própria xícara. - Este é feito de ervas especiais, cujas

raízes eu obtive durante uma de minhas viagens pelo mundo, e cuja planta agora floresce em meu quintal, atrás da casa. É uma planta de nome difícil. Dizem que é uma espécie de estimulante natural, mas aposto que você não tem nenhum interesse no assunto, não é verdade?

Sorrindo, a mulher tomou mais um gole.

Por todos os meios possíveis, ela lembrava uma mulher comum. Algo como uma dona de casa, alguém que cultivava plantas em seu jardim e alimentava-se de cozidos feitos com hortaliças de produção própria, talvez sobrevivendo com o dinheiro vindo de uma aposentadoria precoce e irregular.

A *Raiz*, que cultivava raízes no quintal, e parecia ser a pessoa mais comum do mundo era, no entanto, uma das criminosas mais procuradas daquele país.

Uma criminoso sagaz, que devia conhecer muito bem as leis.

O código MMP-042958 era único, e antigo, e ainda era amparado por arcaicos dispositivos legais. Dispositivos estes que tinham permitido àquela doce mulher fazer um único telefonema, a um advogado à sua escolha, que exerceria o papel de defensor particular.

"*Meu advogado chegará aqui em duas horas*", dissera ela, reaparecendo, dez minutos depois de ter sumido dentro de um cubículo qualquer, invisível em sua pequena casa, que parecia, contudo, ser maior por dentro do que por fora.

Era praxe no comportamento dos policiais... era dada a voz de prisão, e ditava-se em alta voz os deveres e direitos dos envolvidos. E lá estava, amparada entre os direitos, a chamada ao advogado particular, profissão cada vez mais rara no mundo moderno, uma vez que a imensa maioria de defensores e procuradores, no advento do novo Sistema Penal, havia passado a figurar em meio à própria força policial. E o direito de espera pelo advogado particular no local da captura ou em outro local escolhido em comum acordo, sob custódia, durante um período máximo de oito horas se constituía, segundo muitos dos juristas atuais, em uma das mais retrógradas formas de se atrasar o cumprimento da lei.

Como era de se esperar de uma criminoso sagaz, procurada pelo país inteiro, ela fez a ligação e agora aguardava o advogado particular.

Como era de se esperar de uma criminoso procurada pelo país inteiro, ela não tinha entrado em pânico, desde o princípio.

Como era de se esperar de uma simples dona de casa, ela servia chá ao policial, e tentava entabular uma conversa com ele, apenas para o tempo passar.

- Mudando de assunto, dizem que houve uma época em que a clonagem passou a ser encarada com mais seriedade, e menos temor.

O cheiro leve, agridoce, de flores preenchia o ambiente escassamente iluminado pelo lustre esverdeado que pendia do teto. A única janela que havia estava fechada.

- No princípio - dizia ela, procurando atrair a atenção do policial, que ficava olhando em volta, examinando o local, - a clonagem foi um grande tabu, como tantas outras peripécias genéticas do final do milênio. Era tudo tratado como se fosse ficção

científica, rejeitado por puristas e cultos religiosos. *"Seres humanos criados em laboratório?"*, perguntavam as pessoas. *"É o fim dos tempos, o apocalipse!"*

Ela riu. E suspirou. Olhava para longe, e parecia um tanto ou quanto desanimada, sonolenta...

Por fim, piscou uma ou duas vezes, e sorveu mais um gole de chá.

- É o que dizem os livros, os velhos *videotapes*. Enfim, é o que a história nos conta...

*"Mas eu conheço a verdade. Sei muito do que realmente aconteceu. Sei que o meu nome está intimamente ligado a todos os acontecimentos que tiveram alguma relação com a clonagem em si.*

*"Afim, eu sou a Raiz, não é mesmo? Não é assim que vocês policiais me chamam?"*

A Raiz... A RAIZ!!!

O policial girou a cabeça de volta para a mulher. Tinha ficado olhando em torno, observando os arredores da sala. Sentia-se levemente entorpecido, tendo de ficar parado por tanto tempo, esperando... aguardando... Era um soldado, e ação era a sua especialidade.

E ela era uma criminosa...

Ela sabia que ela própria era a Raiz!

Ela era astuta. Conhecia a verdade que apenas os membros da polícia deveriam conhecer.

*O que estaria planejando? Por que não parava de falar um minuto sequer? Por que não agia logo de uma vez?*

*Quanto tempo ainda teria de esperar pelo advogado?*

E a mulher continuava falando. Sua voz era sinônimo de placidez.

- ... existiram muitas tentativas foras-da-lei de clonagem no início do milênio. O fato é que as primeiras duas décadas foram infestadas por experimentos científicos clandestinos. Houve muitas prisões, e muitos geneticistas desapareceram sem deixar rastro. Houve também muitos boatos, e as tantas histórias, verídicas ou não, passaram a ser uma constante nas colunas dos jornais.

Uma pausa para mais um gole de chá.

*"O tempo passou, e, houve a Revolução, e o novo Sistema Penal foi implantado. O crime e o terror, que amedrontavam o mundo, deviam ser extintos, e o nosso país seria aquele que iria dar ao mundo o exemplo de como isso poderia ser feito. Ocorreu então aquela sucessão de fatos que marcaram para sempre a nossa história. Colocou-se em prática a Quarentena, e a seguir foram iniciados os estudos de parte dos juristas e políticos para criar as novas leis que fariam parte de um glossário legal único, que passaria a ser cumprido à risca por uma instituição especial, que também vinha sendo preparada em segredo. Estava lançada a semente para a criação do novo Sistema Penal... e também para a nova força policial.*

Interessante, pensou o policial, o modo correto como falava aquela mulher de traços tão insuspeitos... tão *familiares*...

Sua oratória era realmente fascinante. Sua voz era calma sem ser monótona e as palavras eram escolhidas e pronunciadas com primazia. E como era de se esperar, tal dom não estava descrito no perfil do criminoso apresentado pelo velho código MMP-042958.

*Nada* estava escrito no perfil da *Raiz*, e o policial tinha consciência de que qualquer comportamento que este criminoso viesse a apresentar ao ser confrontado pela primeira vez devia ser minuciosamente relatado depois, no quartel general.

Oratória impressionante, feições... *familiares*... e uma necessidade um tanto ou quanto exagerada de ingerir líquidos. Estes seriam os primeiros dados comprovados a serem introduzidos no relatório do código MMP-042958.

Era um verdadeiro marco histórico.

Não que o policial estivesse pensando em ver sua fotografia estampada em uma enciclopédia.

Na verdade, o policial não pensava em mais nada que não fosse em sua missão.

E ouvir aquela mulher que não se cansava de falar fazia parte de sua missão.

*"As fronteiras foram fechadas pelos dois primeiros anos da Quarentena",* prosseguia em sua implacável narrativa a mulher que se autodenominara a *Raiz*. *"Os estrangeiros passaram a ter suas entradas no país sistematicamente barradas. Mercadorias importadas foram boicotadas com severidade, e conseqüentemente houve um revés tremendo também na área de exportação. Empresas de capital estrangeiro, em parte ou no todo, foram desativadas, ou abdicadas pelo governo, sob os auspícios da lei e das medidas rigorosas contra o poder paralelo - o crime. Exportadores e importadores foram incentivados a remanejarem seus negócios, passando a ter o mercado interno como único alvo.*

*"O que parecia absurdo tendo em vista a arbitrariedade das medidas acabou acontecendo: o país afinal prosperou, apresentando superávits sucessivos e abundância de recursos... e o crime retrocedia.*

*"A princípio receoso, o restante do mundo acabou aplaudindo a idéia, e outros países chegaram até a implantar regimes anticriminais semelhantes. Enquanto isso, já distantes do assédio das outras nações, e benquistos tanto dentro quanto fora do país, os membros da alta cúpula seguiram em frente com seus planos...*

*"Não era suficiente que o crime diminuísse... Era necessário que fosse extinto! Criminosos jurados e reincidentes, assassinos múltiplos confessos, doidos varridos, degenerados sexuais, estes e muitos outros receberam sentenças de execução idênticas, que foram cumpridas tão imediatamente que eles sequer tiveram tempo de perceber que estavam mortos. Dos encarcerados que restaram, e de seus destinos, muito pouco se ficou sabendo... Ora, era necessário separar de uma vez o joio do trigo, e dar o exemplo ao restante da população. O resultado desta limpeza foi uma pilha gigantesca de cadáveres de supostos bandidos incorrigíveis, e muito mais espaço livre*

*nas cadeias. Cerca de dez por cento da população do país foi varrida das estatísticas, em um golpe só. Ah, e como não poderia deixar de ser, vieram os protestos.*

*"Houve protestos de religiosos, defensores dos direitos humanos, opositores e de outros tantos samaritanos de ocasião que nem vale a pena mencionar. Mas já era tarde. O que estava feito, estava feito. Longe de se comoverem, os juristas e políticos já se encontravam cientes do que iria acontecer, e tinham o remédio certo para combaterem as manifestações...*

A mulher soltou um demorado bocejo. Depois tomou fôlego, e emborcou o chá da xícara de um só gole.

E encheu-a novamente, sem parar de falar.

*"AS LEIS. O novo código de leis penais, que distribuía penalidades rigorosas para todos os casos, parecia ter sido especialmente elaborado de forma a dissuadir as manifestações daquele tipo. Isso sem contar que houve uma porção de campanhas e projetos políticos, ditos nacionalistas, patriotas, que trataram de fechar o país por completo ao longo dos anos e das décadas. A Quarentena, que era uma medida que acabou sendo bem vista, apesar de seu autoritarismo, e que tinha sido aplicada de súbito pelo poder público, acabou sendo extinta ao final de dois anos a partir de sua implantação, como fora prometido. Mas dois anos de uma quase completa e obrigatória reclusão serviram muito bem para tolher a liberdade da população, e os efeitos da Quarentena se mantiveram mesmo depois de sua extinção oficial. O cerco planejado a princípio se fechava...*

Uma pausa.

- Meu Deus. Eu devo estar falando demais, como sempre - a mulher teve um leve sobressalto, e sacudiu a cabeça negativamente. - É uma das muitas manias que eu acabei adquirindo durante essa vida. Já me serviu de sustento, e agora vem servindo para combater a ansiedade, e muitas vezes serve também para entreter os amigos. Mas tenho certeza que você não se importa, não é mesmo, oficial?

Nenhuma resposta veio do policial, que continuava sentado impassível, imóvel, inerte, intocável, em sua poltrona.

- Tenho certeza que esta atitude assim tão... reclusa tem a ver com seu treinamento. Cada pessoa aprende a ser como é com a vida que leva, não é mesmo?

A mulher deu uma risadinha curta. E sorveu mais um gole de chá.

O oficial da lei não se manifestou.

- Isso me faz lembrar de outras coisas que aconteceram ao longo destes tantos anos em que tenho vivido, se me permite...

Nenhuma reação, ainda, de parte do policial.

- Eu lembro muito bem, como se fosse hoje... Após a implantação das leis, o novo *Sistema Penal* foi consolidado, e o poder do governo tornou-se quase absoluto. Faltava apenas *uma coisa*.

*"Muitos cientistas, geneticistas, anatomistas, químicos, fisiologistas, terapeutas, técnicos em telecomunicações e informática... a maior parte dos grandes estudiosos do*

*país, e até alguns estrangeiros, todos os que não sumiam iam sendo sistematicamente absorvidos pelo governo, durante e mesmo depois do período da Quarentena. Na verdade, a Quarentena parece ter sido muito mais dura para com certas empresas do que para o público em geral... Quem quiser consultar os registros antigos vai ver que a quantidade de empresas falidas quase quadruplicou durante aquele período. E a maior parte destas empresas lidava com produtos ou serviços que envolvessem algum tipo de conhecimento técnico, ou científico, ou ambos. Ao que parece, os obstáculos que o novo regime governamental colocava no caminho das empresas técnicas eram propositadamente intransponíveis, e as empresas eram obrigadas a fecharem suas portas... ou então eram adquiridas pelo governo, tornando-se estatais públicas, e passando a gozar de um certo anonimato, e de regalias que deviam ter sido bastante atraentes... Ah, e estas novas empresas governamentais acabavam levando os cientistas e técnicos com elas. As regalias concedidas aos gênios também deviam ter sido bem atraentes...*

Mais um longo gole de chá.

Mais um longo suspiro, como se a mulher estivesse buscando forças para continuar.

Nenhuma reação, ainda, de parte do policial.

*"Houve protestos de algumas minorias, como sempre havia... Mas o governo daquela época, assim como o governo de nossa época, não deu ouvidos. Parece que, se rechaçar protestos faz com que um governo seja chamado de intransigente e repressivo, ignorar tais protestos é um dos atributos que faz com que um governo seja considerado excelente... Eu sei que isto não é verdade, mas foi algo assim que acabou ocorrendo. Os protestos eram ignorados pelos homens que estavam no poder, pelos homens que após cem anos ainda estão no poder, e a população em geral acabava aplaudindo cada nova medida, lobotomizada e feita inconsciente desde o final do século passado por uma pseudo-cultura romântica e dançante que ainda é propagada aos quatro ventos pelos meios de comunicação em massa, mandato após mandato.*

*"Ignorar protestos de minorias é excelente para mostrar autoridade por parte de um governo em relação a uma população ignorante. Rechaçar protestos na calada da noite, sem dar na vista, é ainda mais prático, e evita que tais manifestações, focos de consciência pública, venham a se repetir. Muita gente desapareceu... acho até que eu já disse isso antes, não é mesmo?"*

A mulher ergueu o braço magro, e olhou para o velho relógio de pulso.

- Mais meia hora e meu... advogado... irá chegar - disse, esvaziando outra vez a xícara de chá.

Seu olhar, antes alegre, tornou-se grave.

- Acho que podemos conversar mais um pouco, não é mesmo?

Ela encheu a xícara de novo, como se fosse rotina.

Nenhuma reação, ainda, de parte do policial.

- As pessoas desapareciam, mas isso não importa. O que importa é que *novas* pessoas surgiram para tomar o lugar das primeiras. Você, policial, conhece muito bem estas novas pessoas, não é mesmo?

Nenhuma reação, ainda, de parte do policial.

- Os cientistas e técnicos absorvidos pelo governo trabalhavam, e como nunca. Naturalmente corrompidos por generosos financiamentos e equipamentos avançados concedidos pelo governo, e pela ingenuidade típica dos especialistas, os sábios desenvolveram ao longo dos anos os estudos que resultariam na engrenagem que hoje move o Sistema Penal: a *Força Policial*... que há vinte anos vem combatendo o crime pelas ruas das cidades de nosso país. Você, policial, faz parte desta engrenagem - uma engrenagem concebida a partir de clones de uma única pessoa.

*"Desenvolvidos e aperfeiçoados continuamente, junto com os próprios equipamentos que utilizavam, os novos policiais, clones como você, passaram a tomar conta das ruas. Assumindo pouco a pouco as tarefas delegadas aos antigos policiais, o novo grupamento demonstrou uma eficiência ímpar, que só poderia ser comparada ao segredo ímpar que era mantido quanto à procedência de indivíduos tão absolutamente capazes. O crime no país era punido com rapidez, severidade e justiça inigualáveis. Surgiram os julgamentos-relâmpago, e sentenças imediatas passaram a ser promulgadas por juízes-policiais. A antiga, ineficiente e inescrupulosa classe policial deixou de existir, e levou consigo a ainda mais antiga, mais ineficiente e muito mais inescrupulosa classe judiciária. O povo, como não podia deixar de ser, aplaudiu mais este novo passo na cruzada do poder público contra o já quase inexistente poder paralelo exercido pelo crime.*

*"Não levou muito tempo para que o rigor da nova força policial batesse de frente com as poucas instituições que ainda ofereciam alguma resistência ao governo. Religiões e cultos foram os próximos a cair, junto com os meios de comunicação privados, mesmo os que parecessem ter um posicionamento favorável ao governo. A palavra pública, tanto quanto a palavra de Deus, eram armas que poderiam vir a ser perigosas para a sociedade...*

A mulher parou de falar.

Parecia que as forças lhe faltavam, e ela respirou fundo mais uma vez, e olhou para o alto.

- Religiões inteiras, milenares, reduzidas à meros grupelhos de oração, em que seqüências de palavras decoradas, sem significado, são balbuciadas repetitivamente... monotonamente. Todo um sistema de entretenimento e comunicação contraído pelo poder público de uns poucos, e transformado em umas poucas vozes, melodias, programas e jogos sem sentido. Uma nação inteira, um povo inteiro... quase três gerações de pessoas, quase três gerações sem cultura e sem memória, sem passado, sem futuro... tudo em nome da paz...

Uma lágrima rolou de um dos olhos da mulher, que fechou-os em seguida, e tornou a baixar o rosto, abrindo-os, e dando de cara com o policial.

- A-acho que... eu não preciso entrar em detalhes sobre o que está acontecendo no resto do mundo, por causa dessa tão almejada paz que nossa nação conquistou.

A mulher levantou-se, um pouco desequilibrada, e caminhou devagar, dando a volta em torno da mesinha que separava as duas poltronas.

Aproximando-se do policial, ela agachou-se e pegou a mão esquerda deste, ainda posicionada sobre a arma pequena no coldre. Removeu a luva negra de couro sintético, e apoiou os dedos sobre a pele macia do pulso inerte, enquanto olhava o relógio pendurado em seu próprio pulso.

Nenhuma pressão arterial.

Duas horas em ponto. O advogado logo chegaria.

A *pasta* havia funcionado.

Assim como o chá.

- O resto do mundo está em guerra contra a nação mais poderosa que já existiu na face da terra - nossa nação. Uma nação que fabrica clones de supersoldados - seres humanos sem mente - em linhas de montagem, e os envia para a guerra. Uma nação dominada por políticos saídos de tubos de ensaio, cujos planos, *cuja vida* não passa de uma duplicata da vida dos que iniciaram tudo isso, a Quarentena, o Sistema Penal... tudo. Uma nação temida pelo resto do mundo, e que vem tomando posse do resto do mundo, destruindo outras tantas civilizações e culturas... em nome da paz.

*"Uma nação doente de tantas curas, corrompida por ambições desumanas..."*

*"Uma nação que deve sucumbir."*

A mulher conhecida como Raiz passou a tatear o capacete negro do policial inerte. Dedos finos e compridos vasculharam as orlas internas, até que um clique se fez ouvir, e a presilha que prendia o capacete na cabeça do soldado se abriu.

Fazendo força, ela puxou o capacete, fazendo surgir um rosto.

- Eu sabia...

Um rosto de mulher.

Um rosto *igual ao seu*.

- Desativar todas as comunicações - disse a mulher ao capacete. O tom de voz idêntico ao da policial morta foi imediatamente captado pelos mecanismos internos de reconhecimento vocal, fazendo luzes piscarem no visor... - desligar sistemas.

Depois de fazer alguns zumbidos que só podiam ser ouvidos devido ao silêncio que emudecia o ambiente, o capacete finalmente deixou de funcionar.

A mulher conhecida como Raiz levantou-se e deu alguns passos, largando o capacete negro sobre a poltrona onde antes estivera sentada.

Virou-se para observar novamente a policial morta.

A pasta branca, inocente feito um creme dental, feita a partir de essências aromáticas extraídas de plantas e flores geneticamente modificadas - *clones de plantas* - tornava-se um sonífero extremamente eficaz quando em contato com o ar, com efeitos relaxantes que podiam ser sentidos em segundos.

A exposição contínua aos vapores exalados pelo composto induzia ao sono. Mais tarde, os efeitos passariam a incluir perda de reação corporal a estímulos externos, bloqueio dos sentidos, tato, audição, paladar, etc., algo semelhante ao que ocorria quando sedativos fortes eram usados. Gradativamente, após uma superexposição ao produto, ocorreriam falhas nos estímulos nervosos internos, que em casos extremos poderiam gerar paradas respiratórias ou cardíacas, e mesmo induzir ao coma cerebral.

Duas horas de exposição aos aromas oriundos de *dez* daquelas pastas, escondidas há mais de *quatro horas* em pontos estratégicos debaixo das velhas tábuas do assoalho, cheias de frestas e passagens de ar aleatoriamente criadas e distribuídas pelo decurso dos anos... Bem, *uma única hora* de exposição aos aromas oriundos de *dez* daquelas pastas seria mais do que suficiente para matar um boi adulto.

Duas horas talvez fossem suficientes para matar um elefante.

Estranhamente, entretanto, a ingestão da tal pasta por via oral não causava mal algum ao organismo...

A mulher, atenta aos efeitos nocivos dos vapores, pegou a xícara vazia e encheu-a mais uma vez com o chá ainda quente do grande bule de cerâmica, decorado com desenhos de plantas.

*O antídoto.*

Ela, a Raiz, também estaria morta, caso não tivesse passado a tarde inteira ingerindo aquele outro composto. Uma infusão revigorante, feita também de uma mistura de tantas outras plantas e ervas geneticamente modificadas - *clones de plantas* - apresentando, contudo, efeitos diametralmente opostos aos da pasta sonífera.

O chá, de aparência ainda mais inocente do que a pasta, servia não apenas como um estimulante. Muitas das substâncias que o líquido produzia, ao ser preparado, serviam justamente para combater os efeitos da pasta, destruindo a nível molecular algumas das toxinas que esta gerava.

O que restava era uma sonolência leve, quase como um desânimo. E um certo mal estar... Uma aparente necessidade de se respirar ar puro.

Curtas madeixas de cabelo dourado, claríssimo, escorriam desgrenhadas da cabeça da policial. Era uma bela mulher, de rosto bastante atraente, olhos fechados afastados um do outro, sobrancelhas finas, nariz arrebitado e fino, boca carnuda, tez pálida em decorrência ao *rigor mortis*...

Uma bela mulher, assim como era a mulher que a observava, a criminosa, que agora se olhava em um espelho que pendia de uma das paredes, e via também ali um rosto bastante atraente, olhos abertos afastados um do outro, sobrancelhas finas e arqueadas em um tom de tristeza, nariz arrebitado e fino, boca carnuda, tez pálida devido aos efeitos do chá somados aos da pasta... e ao desânimo de ver a si mesma, uma parte de si mesma, morta sobre a poltrona.

A única diferença que havia entre as duas mulheres, a viva e a morta, parecia ser o cabelo, que na primeira era liso e curto, e tinha cor de cobre.

\*\*\*\*\*

Passos se fizeram ouvir.

Alguém entrou na sala. Uma, duas, três pessoas.

- Tudo bem com você? - alguém perguntou, com uma voz igual a da mulher que olhava o próprio reflexo no espelho.

- Sim... - respondeu a Raiz, maquinalmente.

Passos atravessando o aposento.

- Não tem pulso. Está morta - disse outra voz igual à sua, vinda de um outro local da sala escura. - Você, venha aqui e ajude-me a remover o uniforme.

- Certo - respondeu a voz da terceira pessoa, que também era igual à voz da mulher que era conhecida como Raiz.

- Os equipamentos da policial foram corretamente desligados? - perguntou a segunda voz. - Você disse os comandos certos ao capacete?

- Sim... - respondeu a mulher que continuava a olhar seu próprio reflexo no espelho. - Os comandos... certos.

Tiras de couro foram afrouxadas; presilhas e fivelas de metal abriram suas mandíbulas, soltando o couro. Dispositivos foram desativados. Zíperes eram puxados juntos. Botões de pressão estalando em um só clique ao serem soltos praticamente todos juntos. Cordões foram desamarrados de modo idêntico por dois pares de mãos revestidas por luvas também idênticas, escuras com linhas claras.

- Ela não parece estar muito bem - a primeira das três vozes declarou, e uma mão tocou seu pescoço. - A pulsação... parece lenta.

- É óbvio que ela não está muito bem - disse a segunda voz. - Dez doses *da pasta* podem derrubar qualquer um, mesmo com o antídoto.

- Você não quer descansar... sentar um pouco? - perguntou a primeira voz, a mais gentil das três vozes.

A mulher conhecida como Raiz elevou a mão em resposta, fazendo sinal que estava tudo bem, e que ela poderia se virar sozinha.

- Não deveríamos remover a pasta desta sala? - inquiriu a terceira voz, que parecia ser a voz mais calma de todas.

- Faremos isso. Mas antes temos outras prioridades - declarou a segunda das três vozes, que era também a mais autoritária; uma voz de comando. - Obter o *uniforme* é o objetivo principal de nossa missão. Ei, você! Leve-a para fora, e depois volte aqui e comece a recolher e embalar *a pasta*.

- Sim, senhora! - disse a primeira voz.

Mãos gentis voltaram a tocar os ombros da mulher conhecida como Raiz.

Virando-se, ela deixou de olhar seu reflexo no espelho, e acabou vendo seu reflexo outra vez, em formato mais real, vivo, diante de si.

Seus olhos lacrimejavam sem parar.

- Meu Deus... Você não está nada bem - disse-lhe a mulher que a amparava, segurando-a gentilmente pelos ombros. - Vamos lá fora... Você precisa de ar puro.

- Ela... ela... ela era *uma de nós*... a policial...

- Não, não - a mulher de voz gentil e cabelos um pouco mais escuros que os seus abraçou-a. - Você está enganada.

- NÃO! Eu NÃO estou... Essas pessoas, as policiais... elas são TODAS iguais a nós!

- Mas que MERDA! - berrou a mulher de voz autoritária e cabelo curto, raspado, cor-de-palha. - Leve-a para fora de uma vez! Ainda não consigo entender por que uma múmia feito ela foi escolhida para levar a cabo esta missão...

- Eu tenho certeza que, se tivesse sido outra de nós, os resultados não teriam sido tão positivos - comentou a terceira mulher, que possuía uma voz calma e longos cabelos ondulados, castanho-escuros. - Você sabe muito bem que ela é a *mais humana* de todas nós...

- Sei... "*a única que seria capaz de se passar por uma pessoa normal*"... e toda aquela ladainha de sempre. Você *sabe muito bem* o que eu penso a respeito disso tudo.

- Sim, sei... Eu sei *muito bem* que você adoraria entrar na delegacia mais próxima e mandar tudo pelos ares...

- E duvido que isso não seja o melhor a ser feito.

- *Seria* o melhor a ser feito caso não houvesse cem mil policiais para cada uma de nós...

E a conversa prosseguiu entre as donas da segunda e da terceira vozes.

- Vamos, querida... - disse a dona da primeira voz, gentil, afrouxando o abraço em torno de sua irmã gêmea. - Você sempre foi mesmo a *mais humana* de todas nós.

E as duas mulheres saíram.

Do lado de fora da casa, o ar puro chegava ao ponto de ser palpável, e o verde radiante das plantas iluminava a vista.

As duas mulheres de faces iguais respiraram fundo.

- Ah, ar puro! - disse a mulher de voz gentil. - Tenho certeza que você ficará bem.

A mulher conhecida como Raiz enxugou as últimas lágrimas, e virou-se para a outra.

- Obrigada.

- Viu! Já está recuperada - sorriu a outra.

- A-acho que... sim.

- Bem. É melhor que eu volte e recolha a *pastas*... - a mulher de voz gentil fez menção de retornar ao interior da casa, mas a outra a deteve, segurando-a pelo braço.

- Espere... espere um pouco. Quero saber... por que eu tive de ser a escolhida? Por que *justo eu* sou "*a mais humana de todas nós*"? Não somos todas... humanas?

A mulher de voz gentil virou-se de volta, e tornou a abraçar sua irmã gêmea.

- Você sabe... que não somos... exatamente... humanas - foi dizendo ela, devagar.

- É mentira! - protestou a outra. - Mesmo as policiais, são todas humanas! Você não... não viu ela, lá dentro? Era uma pessoa normal...

- Calma, querida. Vamos sentar.

A mulher de voz gentil afrouxou de novo o abraço, e ambas sentaram-se no único degrau da pequena sacada.

- Somos humanas, mas não exatamente como os humanos. Não... nascemos como os humanos normais nascem. Você sabe disso, não sabe?

- Mas, por que tem que ser assim? Por que não nascemos como as pessoas normais? Por que temos de sair... de tubos de ensaio e máquinas... em laboratórios?

A mulher conhecida como Raiz começou a chorar de novo.

- Eu tenho certeza que você também conhece a resposta para essa pergunta.

- Sim. Eu sei que... que somos clones uma da outra, e as policiais também são clones, e por isso somos todas idênticas. E eu sei também que muitas de nós já nascem adultas, e que há milhares... *centenas de milhares* de pessoas como nós, e que existem até mesmo versões masculinas... Mas, não é isso o que eu queria saber...

- Sim.

- Eu... eu não entendo por que *tem* que ser assim. Por que tem que ser... tão injusto?

A mulher de voz gentil permaneceu em silêncio por algum tempo.

- Eu não sei responder esta pergunta... - disse, olhando para longe. - Mas eu sei que, de todas nós, você foi a primeira a ser concebida. Você é a única de nós que teve a chance de conviver com a *verdadeira Raiz*, décadas atrás...

Uma pausa.

- Acho que é por isso que você é tão importante. Apesar de ser tão velha, você continua agindo como foi ensinada a agir pela nossa Raiz humana. As mutações e experiências feitas em seu corpo e nos corpos das outras cópias originais de nossa mãe humana nos transformaram em criaturas quase imortais. Destas cópias originais, viemos todas nós... Eu... eu não sei explicar... Sou uma confortadora, uma enfermeira, e não sei explicar muita coisa. Fui criada para curar outras pessoas, e dizer coisas agradáveis, transmitir ânimo e empatia aos outros, enquanto outras de nós foram criadas para se manterem impassíveis, ou para comandar, ou mesmo para obedecer e se sacrificar cegamente em nome de um objetivo... As próprias policiais foram criadas dessa maneira. E agora que temos mais um uniforme, conseguiremos infiltrar mais uma de nós nas forças policiais, para descobrir mais informações e tentar impedir que a destruição da raça humana prossiga, como fomos ensinadas a fazer.

A mulher de voz gentil deu de ombros.

- Eu acho, tentando responder à sua primeira pergunta, que você é a única das cópias originais que restou, e por ser praticamente humana e *possuir os genes certos* é que foi escolhida para ser a *nova Raiz*. Porém, eu não sei explicar se as coisas...

- Sua IMPRESTÁVEL! - disse um vulto furioso junto à porta. A mulher forte, de cabelo curto e voz de comando... - Eu lembro de ter ORDENADO que as pastas fossem removidas! Quer que a gente morra que nem aquela MALDITA policial?

A mulher de voz gentil levantou-se de imediato. - Sim, senhora!

- Porcaria! Médicas e civis... Eu fico imaginando QUEM são as miseráveis que destacam inúteis desse tipo para missões militares sérias...

A mulher de voz autoritária voltou para o interior da casa, fazendo sinais negativos com a cabeça e gesticulando muito.

A mulher conhecida como a Raiz observou enquanto sua irmã de voz gentil caminhava para dentro da casa, virando-se para ela antes de entrar.

- Não sei explicar se as coisas são justas ou não. Acho que quem tem as explicações são os humanos... e você, que é *quase* humana.

Dito isto, ela sorriu como sempre fazia, deu de ombros outra vez, e sumiu dentro da casa.

O tempo passava. Uma brisa agradável soprava, movimentando as folhas das plantas, muitas das quais versões clonadas, melhorias genéticas extraídas de si mesmas.

Casas de tijolos se viam por perto, e prédios de concreto e vidro, e clones de prédios de concreto e vidro, e clones de clones de prédios de concreto e vidro surgiam imponentes ao longe.

A mulher conhecida como Raiz, a nova Raiz... a criatura criada em laboratório que estava mais próxima do que poderia ser considerado uma pessoa humana verdadeira, criada por Deus ou pela evolução... A mais humana de todas as clones pensava, e refletia, e respirava, sentindo os efeitos atordoantes de veneno e antídoto, somados, se desfazendo.

Lembrava-se de coisas que tinham acontecido em seu passado.

Lembrava-se da verdadeira Raiz. A mulher humana, que há mais de uma centena de anos havia ingenuamente se voluntariado e servido como cobaia para que os primeiros estudos visando produzir seres humanos artificiais em escala tivessem andamento.

A bela mulher, dita por uns a mais bela entre as mulheres, que servira de matriz para que tantas outras belas mulheres fossem produzidas. Tantas, centenas de milhares de belíssimas mulheres, desenvolvidas umas para curar e confortar, outras para descobrir e espionar, algumas para colocar as coisas em ordem, ou para cumprir ordens cegamente... para dar a vida por uma causa, ou para tirar a vida de quem quer que se aproxime.

E ela própria, que parecia ter sido criada tão somente para ser humana.

Uma humana artificial em um mundo onde a tendência era que houvesse cada vez menos humanos naturais.

Quis chorar de novo, por não se considerar humana suficiente. A verdadeira Raiz, falecida há décadas, esta sim era uma humana de verdade, em um tempo em que o mundo era um mundo de verdade, e que vidas artificiais não eram vistas corriqueiramente nas ruas.

A nova Raiz lembrou-se da missão que movia todas as suas irmãs, poucas se em comparação aos infinitos contingentes de outras suas irmãs, policiais de olhar fixo e soldados de mente vazia:

Restaurar o mundo.

Purificar o mundo da maldição dos artífices do governo, que estavam substituindo em larga escala a humanidade por seus clones de olhos fixos e mentes vazias.

Tornar o mundo novamente em um mundo humano.

Essa era a missão que humanos, seus criadores no passado, e agora seus tutores, seus mestres, tinham lhe confiado.

Os poucos humanos geniais que tinham restado. Os poucos que lutavam em prol da manutenção da cultura, da ciência, *da vida* humana.

Os poucos rebeldes que não tinham sido sufocados pela política repressora de um governo centenário, que usava fôrmas e tecnologia para recriar continuamente a si mesmo. Um governo de zumbis, que lutava contra todas as outras nações da Terra para implantar sua política de vida artificial total... de paz artificial pelo mundo inteiro.

Os rebeldes eram a última luz que restava para a humanidade.

E ela, *uma clone*, queria ser um deles. Estava escrito em seus genes que devia ajudá-los.

...

**É ERA O QUE FARIA!**

Levantou-se.

Respirou fundo. Uma, duas, três vezes.

O desânimo artificial, veneno e antídoto, passava, conforme a confiança natural do oxigênio penetrava em seus pulmões.

Sim. Havia muito a ser feito.

O uniforme policial serviria para infiltrar mais uma de suas irmãs revolucionárias na força policial. Em breve seriam dezenas de espãs, e a seguir centenas... E em seguida, as infiltrações ocorreriam no exército de belas mulheres assassinas criado pelo governo. Existia mesmo a possibilidade de uma das agentes se infiltrar no próprio governo.

Pois eram todas iguais.

E todas seguiam à risca os objetivos registrados em seu genes.

Ela era a Raiz, a mais humana de todas as criaturas artificiais.

Ela queria ser humana, e viver em um mundo de humanos.

E conseguiria isto, custasse o que custasse.

Custasse o que ...

Súbito, a mulher se deu conta de uma coisa.

Algo estava errado.

Sim, algo estava *muito* errado!

Ela arregalou os olhos, e correu para dentro da casa, quase esbarrando nas suas três irmãs, que deixavam o local, uma delas vestida com o mesmo uniforme da policial morta, as outras duas carregando o corpo inanimado da irmã-inimiga, a policial.

As duas horas tinham passado. Comunicações cifradas tinham sido recebidas pelo telefone, de parte *do advogado*, ele próprio uma pessoa fictícia, declarando estar o bairro inteiro livre de qualquer interferência das forças da lei.

*"Não poderei comparecer à audiência. Caso a representante da força policial concorde, poderemos realizar esta audiência em meu escritório."*

A representante da força policial concordava. Quem cala, consente.

*"Ótimo. Estarei livre durante as três próximas horas."*

Três horas de liberdade de ação, totalizando cinco dentre as oito horas que o código MMP-042958 colocava à disposição do réu e de seu advogado. Depois de transcorrido este tempo, a força policial agiria sem hesitar.

Três horas eram mais do que o suficiente para remanejar a policial morta, substituindo-a por uma das integrantes do grupo de resistência e dando cabo de seu corpo.

A missão fora um sucesso.

A mulher de voz autoritária viu aquela sua irmã tão humana correndo para dentro da casa, e achou estranho.

- Ei! Onde ela vai? - perguntou.

- Não tenho muita certeza - disse a mulher de voz gentil. - Mas acho que ela foi ao banheiro.

- Ao banheiro?

- É claro! - sorriu a mulher de voz calma, vestida com a farda da policial morta.

*"E tenho certeza que, com todo o chá que tomou, ela vai ficar lá por um bom tempo..."*

Sim. A missão fora um sucesso.